

Os Editores do Onírico: Uma breve visão sobre o mercado editorial de Histórias em Quadrinhos durante o período de 1934-1963

*ANDRÉ MOREIRA DE OLIVEIRA

“O espetáculo é uma permanente Guerra do Ópio, para fazer com que se aceite identificar bens a mercadorias; e conseguir que a satisfação com a sobrevivência aumente de acordo com as leis do próprio espetáculo”.

Guy Debord

“... o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta (sic), a uma leitura autorizada”.

Roger Chartier

“Proteja-se do que você vai querer”.

Nação Zumbi

Antecedentes de que as publicações infanto-juvenis já eram presentes desde 1831 com o Jornal *O Adolescente* que circulou em Salvador—Bahia. Na Europa já circulavam desde 1751. A partir do século XIX vemos indícios de uma mistura entre a Imprensa Infantil e a Escolar com o *Jornal de Instrução e Recreio* da Associação Literária do Liceu Maranhense, em 1845. O primeiro nesse sentido na cidade de São Paulo foi o *Kaleidoscópio de 1860*. Na cidade de São Paulo o primeiro essencialmente escolar é *O Pestalozzi* feito por professores e cuja primeira edição circulou em 18/04/1884. Temos essas publicações em grande profusão de tipos até que em 1905 nasce uma revista carioca dedicada principalmente à publicação de quadrinhos infantis a *Tico-Tico* em 11/10/1905 e à industrialização dos livros infantis que ao baratear o custo de publicação vem a dominar o mercado.

* Graduado em História na UNIB , Mestrando em História Social pela USP

A própria *Tico-Tico* nasce dos apelos de um mercado infantil que já se espraiava internacionalmente e da visão do desenhista e ilustrador Ângelo Agostini. Mas o editor por trás dessa publicação foi *Luís Bartolomeu Souza e Silva* (que participava também da revista de humor político *O Malho*) que num primeiro momento olhar com desconfiança a proposta de Agostini. Após um breve concurso na *O Malho* para tentar quantificar a possível aceitação de tal produto jornalístico o editor recebe uma inesperada resposta positiva quanto à produção de tal revista.

O *Tico-Tico* prevalece como o principal produto no setor infantil até que em 13 de março de 1934 surge no *Jornal A Nação* o tabloide *Suplemento Infantil* editado por *Adolfo Aizen*. Aizen um imigrante nascido em 10 de junho de 1907, cuja família havia deixado a Rússia pré-revolucionária devido à perseguição e os pogroms contra os judeus. Viveu uma vida bastante difícil durante sua infância na Bahia até que se mudou para o Rio de Janeiro e em 1933 veio a trabalhar na revista *O Malho* que, era uma das publicações da *Sociedade Anônima O Malho* a mesma responsável pela publicação de *O Tico-Tico*. Aizen havia percebido o potencial desse mercado tanto pela percepção de suas publicações nacionais como *A Gazetinha* (fundada em 1929) encarte infantil do jornal *a Gazeta*, de São Paulo e *Mundo Infantil* (também de 1929), da editora Vecchi, do Rio de Janeiro, como em publicações norte-americanas que conheceu durante sua viagem aos E.U.A. Tenta convencer seu chefe no *O Globo*, Roberto Marinho (Aizen na época tinha três empregos: secretário de Redação no *A Ordem*, no *Malho* como redator do *O Tico-Tico* e como colaborador de *O Globo*). Roberto Marinho recusa e Aizen procura João Alberto Lins de Barros de *A Nação* com um projeto de vários suplementos entre eles o *Suplemento Infantil*. João Alberto Lins de Barros na época bem relacionado com o governo de *Getúlio Vargas*, por ter participado do golpe contra Washington Luís, criou seu jornal com base na estrutura física e dos equipamentos tomados do *O Jornal de Assis Chateaubriand*.

Apesar do sucesso de vendas de *Suplemento Infantil* em junho de 1934 os mesmos foram suspensos do *A Nação*. Gonçalo Junior aponta que a causa da suspensão deste seria devido a influência de *Maciel filho* redator-chefe do *A Nação* o qual afirmava que um jornal para crianças não poderia ter credibilidade. Influenciado por este *João Alberto Lins de Barros* suspenderia sua publicação, mas se comprometeu a

apoiar financeiramente Aizen na fundação de outro diário. Com o apoio destes e a associação de outros de sua equipe (oferecendo sociedade no empreendimento) funda o Grande Consórcio de Suplementos Nacionais em 27 de junho de 1934 que distribuiriam suas publicações em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e nas cidades próximas locais onde a distribuição era mais eficiente e menos precária. A partir daí *o Suplemento Infantil* passa a se chamar *Suplemento Juvenil*. Durante três anos o Suplemento Juvenil foi teve a supremacia do mercado de quadrinhos carioca. Mas outros planejavam entrar no negócio dos quadrinhos entre eles o dono do O Globo Roberto Marinho, antigo patrão de Aizen.

Roberto Pisani Marinho era filho de *Irineu Marinho* o dono do *A Noite* até 1924 quando por um golpe de seu sócio Geraldo Rocha. No mesmo ano Irineu Marinho se aliou aos empregados de confiança demitidos por Geraldo para a criação de um novo jornal *O Globo*. Morre prematuramente em 29 de julho de 1925. A esposa deste, Francisca, e os funcionários à frente do jornal insistiram que *Roberto Marinho* assumisse os negócios da família. Alegando inexperiência Marinho indica *Eurycles de Matos* secretário do jornal. Com a morte de Matos em 30 de maio de 1931 finalmente *Roberto Marinho* assume a direção do O Globo. De 1934 a 1937 vemos Roberto Marinho busca consolidar seu jornal através de atitudes que o aproximavam do poder político. Em 1934 chega à conclusão que os produtos de seu jornal devem ser expandidos. Com esse intento e atento aos sucessos editoriais de seu ex-funcionário Adolfo Aizen pretende fundar seu próprio suplemento para o público infantil.

Em 12 de junho de 1937 funda o *Globo Juvenil*. Aizen fica surpreso com a audácia de Marinho ao utilizar um nome que era uma clara referência a seu tabloide. Marinho chegou a convidar o antigo empregado para sócio desse suplemento buscando ter acesso aos personagens que Aizen publicava. Convém lembrar que esses suplementos infantis careciam de uma produção nacional de quadrinhos sendo que a maior parte de sua publicação vinha dos E.U.A. Assim os acordos internacionais para o acesso de personagens para suprir o mercado eram fundamentais para a manutenção e sobrevivência desse tipo de publicação. Os responsáveis pelo fechamento das edições de O Globo Juvenil eram *Antônio Callado* e *Nelson Rodrigues*. Em São Paulo a

competição pelo público de quadrinhos era mais acirrada devido a presença da *Gazetinha*.

Em 1938 *Aizen* viaja Nova York em busca novidades em histórias em quadrinhos, comprando uma rotativa tipográfica de quatro cores aumento a velocidade de impressão do *Suplemento Juvenil* e de seus futuros projetos. Também introduz no Brasil o formato do Comic Book que era inovador e barato: basicamente era uma dobradura do tabloide grampeada ao meio que permitia o dobro de páginas por um custo levemente mais alto. Em 1940 o tabloide tem sua derrocada. Em 16 de maio de 1939 *Aizen* lança uma revista de 32 páginas chamada *Mirim* de circulação semanal contendo narrativas inteiras de quadrinhos e não apenas as tiras; narrativas fragmentadas por excelência. Lança no mesmo ano *O Lobinho* (08 de abril) em tamanho standard, ou seja, era um verdadeiro jornal de quadrinhos que circulava uma vez por semana. O nome foi escolhido como uma forma de desafio a *Roberto Marinho* que não poderia mais usar futuramente o nome *Globinho* em suas publicações infantis com o perigo de ser processado por plágio.

Aizen sempre se mostrou bastante inovador termos de editoração de quadrinhos o que dificultou a vida de seu concorrente Roberto Marinho. Como seu Globo Juvenil não alcançava o sucesso esperado começou a lidar de maneira mais dura com o adversário fazendo uso das finanças mais poderosas de sua empresa, posto que *Aizen* e seu Grande Consórcio não estivessem indo bem financeiramente devido aos custos de produção. Como vendeta pelo nome *Lobinho* Roberto Marinho lança a *Gibi* (em 21 de abril de 1939) como uma espécie de competidora do nome da revista *Mirim* de *Aizen*.

Ainda em 1939, Roberto Marinho consegue convencer o distribuidor Arrouxelas Galvão o representante de King Features Syndicate americana a romper com *Aizen* adquirindo os direitos de publicação dos personagens até então publicados em suas publicações em quadrinhos. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o racionamento de papel vigente no país prejudica ainda mais as publicações de quadrinhos no Brasil, pois a única fábrica era estatal do Pará. *Aizen* em má situação financeira com os credores a sua porta, pede novamente ajuda a João Alberto em 1942. Por influência deste toda a estrutura do Grande Consórcio é absorvida pelo jornal A

Noite dirigido pelo coronel Costa Netto, mantendo Aizen como coordenador de publicação de histórias em quadrinhos. Mas outro competidor entraria em cena *Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo*, o Chatô.

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo nascido em 4 de outubro de 1892 em Umbuzeiro – Paraíba. Era formado pela Faculdade de Direito do Recife. Foi um dos maiores magnatas da comunicação do Brasil. Seu império jornalístico começa em 1924 com a compra de *d'O Jornal* – denominado "órgão líder dos Diários Associados". A partir disso tem sua ascensão meteórica por meio de inovação da narrativa e tecnologia jornalística, coação, finanças e influência política. Já em 1939, *Chateaubriand* percebendo o sucesso de Aizen e sua disputa com Roberto Marinho passa a acalentar o projeto de uma publicação em quadrinhos de seu jornal *O Cruzeiro*: o nome do projeto seria *O Guri*, nome registrado em 1940.

De forma a competir de maneira diferente com Aizen e Marinho Chateaubriand apela para aquela que será sua estratégia costumeira: inovar a parte gráfica dos quadrinhos fazendo uso de uma rotativa Hoe última palavra em engenharia gráfica quer tornou *O Guri* a primeira publicação de Histórias em Quadrinhos totalmente em cores chegando às bancas em 1940.

Nesse contexto podemos perceber como o mercado editorial de quadrinhos era bastante competitivo. Temos dois dos futuros magnatas da comunicação na disputa onde são válidas as estratégias mais variadas, desde tomada de direitos de publicação, influência política e inovação tecnológica. Nenhum desses editores tinha a preocupação com a questão dos quadrinhos nacionais: suas preocupações são eminentemente dirigidas as vendas e não às inovações.

Em 40 e 50 vemos uma melhor situação para os quadrinhos nacionais com o fim da Segunda Guerra Mundial. Editoras como a Ebal (de Aizen), a Rio Gráfica, La selva e a Abril (de Victor Civita). Esse último merece o destaque de ser o responsável pela publicação dos quadrinhos da Disney no Brasil em julho de 1950 com o nascimento da *Abril Cultural*. Os personagens de *Walt Disney* só eram conhecidos aqui por meio dos desenhos animados que passavam no cinema. Apesar de nessas editoras prevalecer o conteúdo importado começa a se abrir espaço para autores nacionais. A

produção dessas editoras se dividia em três eixos: policial, aventura e ficção. Os quadrinhos nacionais sempre enfrentaram o problema de uma falta de regulação pelo poder público e pela posição dos editores de quadrinhos perante o material importado produzido de forma a ser mais barato que a produção nacional.

Os autores nacionais tinham que se desdobrar criando quadrinhos históricos e didáticos além de trabalharem para publicidade. Em 1950 temos as publicações de autores com tiras nacionais como Ziraldo trabalhando para jornais e revistas como o *Jornal do Brasil*, *Folha de Minas* e o *Cruzeiro* (de Chateaubriand). Em 1959 começa a despontar outro desses autores: Maurício de Souza que publica suas tiras no *Jornal A Folha de São Paulo*. Em 1960 Ziraldo lança sua primeira revista *O Pererê* a primeira revista feita por um só autor no Brasil.

A editora *La Selva* dedica-se a um gênero ignorado pelas outras, o terror com artistas como *Jaime Cortez*, *José Lanzellotti* e outros. Parte de seu conteúdo vinha da E.C. Comics e da Fawcett, distribuídos no Brasil pela Record de Alfredo Machado, o mesmo distribuidor das grandes editoras e que começou sua carreira trabalhando *no Grande Consórcio de Aizen*.

Quando eleição de Jânio Quadros à presidência em 1961, os autores de quadrinhos passaram ter melhores perspectivas de trabalho, uma vez que desde 1948 este político se mostrava interessado na polêmica que se arrastava desde idos de 1950: a criação de cotas para os quadrinhos nacionais, visando uma melhor competição com a produção estrangeira, sobretudo americana. Essa produção feita em modo industrial que a produção nacional, e, apesar dos gastos com tradução mostrava-se mais contínua e mais confiável em termos de abastecimento de mercado.

Por conta das dificuldades encontradas por estes autores de histórias em quadrinhos nasci uma espécie de entidade sindical criada para visando contornar essas dificuldades e demonstrar o valor educativo das histórias em quadrinhos os autores de histórias em quadrinhos Jaime Cortez, Miguel Penteadó, Reinaldo de Oliveira, Silas Roberg e Álvaro de Moya (a chamada “Turma da La Selva”, pois estes trabalhavam para essa editora), resolveram montar em 1951 a “Primeira Exposição Didática Internacional de Histórias em Quadrinhos” em São Paulo. A boa recepção da exposição

por parte da imprensa fez surgir uma o germe de uma entidade de classe do autores de histórias em quadrinhos intitulada de Associação de Desenhistas de São Paulo a **ADESP**. Esta entidade passou a defender de maneira organizada uma lei de nacionalização dos quadrinhos, chegando a enviar um projeto de lei nesse sentido ao Presidente Getúlio Vargas. Apesar de suas constantes intervenções a entidade tinha conseguido pouquíssimos resultados. Jânio Quadros desde 1948, ainda como vereador de São Paulo, tinha demonstrado interesse em regulamentar a produção de quadrinhos de modo a estimular-lhes um nacionalismo ufanista. Assim as esperanças da ADESP não eram infundadas. O presidente dessa entidade era o autor Maurício de Souza.

Críticas ao potencial de corrupção dos jovens pelas histórias em quadrinhos passaram a circular na imprensa por conta do temor de que os mesmos seriam uma forma de impor a cultura americana aos jovens já estavam presentes na sociedade brasileira desde 1938, mas, em 1954 o psicólogo Fredic Wertham lança o famoso *Seduction of the Innocent*, um livro que trazia duras críticas as histórias em quadrinhos alegando que as mesmas eram deformadoras do caráter infantil. A chegada dessa obra às livrarias coincidiu com o macarthismo americano e o constante histrionismo contra a “ameaça vermelha”. Uma condensação do primeiro capítulo dessa obra saiu em outubro de 1954 no Brasil publicado pela *Reader's Digest* com o título traduzido literalmente do inglês: *Histórias em Quadrinhos --- Roteiro para a delinquência*.

Essas pressões por um código de ética para as publicações infantis sejam da população adulta preocupada com seus filhos, seja dos autores de histórias em quadrinhos que visavam leis protecionistas para os quadrinhos, vieram a criar o clima propício ao decreto de nacionalização das histórias em quadrinhos de 1963 que estabelecia cotas de artistas nacionais nas publicações no Brasil dentro de uma série de padrões de cunho nacionalista. Assim, editores como Aizen; Roberto Marinho; Chateaubriand e Victor Civita se veem desprovido de sua principal fonte de quadrinhos. O negócio das histórias em quadrinhos passa a não ser tão rentável quanto antes.

Referências Bibliográficas

1. Livros

EZEQUIEL, Azevedo de. *Ebal: Fábrica de Quadrinhos: guia do colecionador*. São Paulo Via Lettera, 2007.

BIBE-LUYTEN. *O que é História em Quadrinhos*. In: Coleção Primeiros Passos v. 144. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, 2ª Ed.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Trad.: Maria Carmelita Pádua Dias; Rev. Téc. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Perspectiva. Trad.: Pérola de Carvalho, São Paulo, 2004.

JUNIOR, Gonçalo. *A Guerra dos Gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

MOYA, Álvaro de. *Shazam!*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

SOARES. Fernanda Brunheroto. *Suplementos infantis: os precursores da imprensa adulta*. Londrina, Editora UEL, 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro (org.); RAMOS, Paulo (org.). *Muito Além dos quadrinhos: análise e reflexões sobre a 9ª Arte*. São Paulo, Devir, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro (org.); SANTOS, Roberto Elísio (org.). *O Tico-Tico: 100 anos*. Vinhedo, SP, Opera Graphica Editora, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Difel/Bertrand, 1988.

2. Teses.

BARBOSA, Alexandre Valença Alves. *Histórias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950: A narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras*, 2006. 253 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) USP. São Paulo

MERLO, Maria Cristina. *O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)*. 2003, 362 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) USP. São Paulo

MUTARELLI, Lucimar Ribeiro. *Os quadrinhos autorais como meio de cultura e informação: um enfoque em sua utilização educacional e como fonte de leitura*. 2004 111 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) USP. São Paulo

3. Fontes da Internet

(?) Biografia de Assis Chateaubriand. http://pt.wikipedia.org/wiki/Assis_Chateaubriand. Acesso em 18 de mar 2011